

CCB

ESTREIA

OLHA A BRUXA, NICOLAU UMCOLETIVO

1 A 6 ABR 25



ARTES
PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO

Temporada 2024/2025

Fábrica das Artes – Teatro

Espaço Fábrica das Artes

Terça a Sexta, 10h30 – Sessões escolares



Sábado, 15h30 – Sessão descontraída

Domingo, 10h30

Público-alvo: 5 aos 10 anos

Classificação etária: M/12

Duração aprox. 45 min. + conversa

Dramaturgia **Ricardo Boléo**, a partir de *Bruxas, Feitiços*.

Defuntos e Aparições de **Maria Manuela Couto Viana** e de registos de tradição oral

Interpretação **Cátia Terrinca, Cheila Lima e Patrícia Andrade**

Cenografia **Bruno Caracol**, com (estudantes de Realização Plástica do Espetáculo da Escola Artística António Arroio)

Ana Seguro, Bia D. Sousa, Celina, Iara Cassamá, Júlia Barradas, Laura Anahory, Lee Afonso, Leo, Michelle Gonçalves,

Margarida Costa, Joana Gonçalves, Patrícia Silva, Sara Jorge, Sisi Lungu e Sofia Serrano, acompanhados pelos

professores **Hugo F. Matos, Luís Santos e Sérgio Reis**

Figurinos **Raquel Pedro**, com (estudantes de Realização Plástica do Espetáculo da Escola Artística António Arroio)

Alexandre Mineiro, André, Ângela Vieira, Beatriz Almeida, Pipa Buchó, Jojo, Leonor Garcez e Maria Santana,

acompanhados pelos professores **Hugo F. Matos, Luís Santos e Sérgio Reis**

Luz **João P. Nunes**

Som **Sara Santos** (estagiária da Escola Superior de Tecnologia, Gestão e Design do Instituto Politécnico de Portalegre)

Vozes de (crianças) **Aurora Cordeiro Campos, Bibas, Gaia Lepolard, Jacinto Terrinca Nunes, João Santos Cruz,**

Joana Santos Cruz, Maria Luísa Curinha Galego, Maria Teresa Curinha Galego e Simone Assis Pires

e de (mulheres) **Ermelinda, Luísa Castro, Maria Arcângela, Ana Delgado, Amala Oliveira, D. Ilda, Diana Almeida,**

Margarida, Maria Leopoldina e Rosalina Maria

Mediação e públicos **Rui Salabarda**

Apoio à criação **Ricardo Guerreiro Campos e Sara Afonso**

Produção **Luís Eduardo Graça**

Fotografias **João Versos Roldão**

Recolha de mezinhas (Estudantes do 11ºE ESSL) **Maria Madalena Lourenço, Duarte Carrilho, Ana Filipa Jesus,**

Ana Beatriz Cardoso, Clara Mendes, Dalila Ventura, Ricardo Gonçalves e Guilherme Cardoso,

com acompanhamento das professoras **Inês Proença e Teresa Simão**

Ilustrações (Alunos da EBI Monte Carvalho) **Caetana Gonçalves, Gabriela Fernandes, Jacinto Terrinca Nunes,**

Margarida Pereira, Maria Joana Bezerra, Simone Assis Pires, Ana Júlia Alves, João Santos Cruz, Afonso Pereira,

Ana Leonor Dimas, Benedita Nunes, Clara Mangerona, Henrique Lacão, José Maria Lupi, Manuel Modas,

Maria Beatriz Esperancinha, Maria Luísa Curinha Galego, Maria Teresa Curinha Galego, Rodrigo Lavadinho,

Sofia Nunes, Ana Margarida Narciso, Francisco Freitas, Gonçalo Vintém, Joaquim Nova, Manel Batista,

Maria Cora Vintém, Matilde Miranda, Matilde Pequito, Pedro Lavadinho, Tiago Barradas, Joana Cruz, Afonso Machado,

Beatriz Bailadeira, Carlos Sotero, Carminho Fernandes, Cloe Menichetti, Hugo Cardoso Martins, Martim Ferreira,

Martín Lavadinho, Matilde Pacheco e Miguel Santana, com acompanhamento das professoras **Célia Pedras**

e **Maria Glória Lindo**

Agradecimentos **Aurízia, Beatriz, David Couto Viana, Helena Raimundo Rosado, Ivo Reis, Maria Antónia Barata,**

Padre Fontes e Ti Margarida

Parcerias **Escola Artística António Arroio, Escola Secundária S. Lourenço, Escola Secundária de Montemor-o-Novo,**

Escola Básica Monte Carvalho, Junta de Freguesia de Ribeira de Nisa e Carreiras, Loading e Boleima

Co-produtores **CCB / Fábrica das Artes, CAE Portalegre, Teatro do Noroeste, Municípios de Portalegre, Avis, Elvas,**

Ponte de Sor, Montalegre, Montemor-o-Novo, Figueira da Foz e de Miranda do Corvo

UMCOLETIVO é uma estrutura financiada pela DGArtes e pelos Municípios de Portalegre, com o apoio dos municípios de Avis, Elvas e Ponte de Sor.

Ilustração de capa: © Raquel Pedro, a partir da fotografia do livro *Mulheres do Meu País*, de Maria Lamas

OLHA A BRUXA, NICOLAU

*«Nicolau não faças fitas
Tem cuidado com os enguiços
Pois eu sei que tu acreditas
Nessa coisa dos feitiços»*

Olha a Bruxa, Nicolau
Cancioneiro Tradicional Português

À noite, somos invisíveis. O manto escuro que adormece o Sol faz-nos esquecer as cores do mundo, acende a imaginação e ateia rastilhos desconhecidos. O Nicolau é a criança que somos todos. Personagem coletiva que fomos urdindo, como se fôssemos Penélope, para desfazer medos: assim honramos a Lua, luz secreta no breu, assim nomeamos as bruxas, mulheres magas do oculto, assim cantamos para que a voz aproxime as nossas almas do mundo. *Olha a Bruxa, Nicolau* é um espetáculo de curiosidade pelo que desconhecemos. E, depois da curiosidade, é um espetáculo de amor pelo que desconhecemos. Trata o medo por tu, lembrando-o que ele é aliado da curiosidade e que precisam apenas de tranquilidade para caminharem juntos. Juntos, entre o medo, a curiosidade e a nossa identidade, palmilhamos o caminho longo das estórias: as bruxas não são más, afinal. São mulheres curiosas que acordam com as ervas na primavera e fazem ciência com os seus chás, com os seus xaropes. São mulheres que sabem como acreditar nas palavras — como os poemas também acreditam, ou como nós acreditamos também nas que vêm escritas na lei. A lei é feita das mesmas palavras que os poemas. Os poemas são feitos das mesmas palavras dos Santos. Os Santos são feitos da mesma matéria dos medos. Afinal, tudo é também sobre acreditar. Ser capaz de ver aquilo que os dedos não conseguem encontrar no mundo. De que são feitas as coisas invisíveis? Os pensamentos, os sonhos, as saudades, os desejos?

*«E fomos educados para o medo
Cheiramos flores de medo
Vestimos panos de medo»*

o medo, de Carlos Drummond de Andrade



Olha a Bruxa, Nicolau é um projeto performativo pensado como um ritual de iniciação, em que o medo se transforma em curiosidade sobre o invisível. Recorremos às bruxas da tradição portuguesa como guias espirituais desta jornada, contada e cantada a partir de recolhas de Maria Manuela Couto Viana, às quais fomos somando outras. Vapores, pontos de luz, tisanas e rezas. Para a trovoada, para o nervo torto, para o ar maldito, para o cobranto, para os rins, para desembaçar, para encontrar coisas perdidas, para destocar os sonos, para arrular. Estas mulheres parecem apartadas do nosso mundo, mas estão por perto. Nossas avós, tias, bisavós. Vimo-las em Miranda do Corvo, em Avis, em Arronches, em Portalegre, em Montalegre. Curaram gentes quando os médicos não chegavam além da elite. Males do espírito e do corpo. Mergulharam na paisagem porque é nela que encontram a cura. Conheceram a lua a que devem mostrar o menino, são sabedoras das ervas com que nos podem cuidar. E se formos capazes de pensar no futuro para além da imagem imperialista da colonização robótica, atentaremos nos conhecimentos esquecidos destas mulheres. A desvalorização da sabedoria popular e a tensão com a academia relembra a clivagem entre rural e urbano. Diziam em Avis que não se podia tirar o cobranto em Lisboa porque não havia para onde atirar o azeite — uma vez que ninguém o pode pisar; e esta constatação abre um pensamento: haverá espaço para o oculto onde há sobre-estimulação visual e auditiva? Pode o teatro enquanto lugar de transformação ser um espaço de transparência para uma cidade?



© João Versos Roldão

«When I was a child
there was an old woman in our neighborhood
whom we called *The Witch*.
All day she peered from her second story window
from behind the wrinkled curtains
and sometimes she would open the window
and yell: Get out of my life!
She had hair like kelp
and a voice like a boulder.
I think of her sometimes now
and wonder if I am becoming her.
My shoes turn up like a jester's.
Clumps of my hair, as I write this,
curl up individually like toes.
I am shoveling the children out,
scoop after scoop.
Only my books anoint me,
and a few friends,
those who reach into my veins.
Maybe I am becoming a hermit,
opening the door for only
a few special animals?
Maybe my skull is too crowded
and it has no opening through which
to feed it soup?
Maybe I have plugged up my sockets
to keep the gods in?
Maybe, although my heart
is a kitten of butter,
I am blowing it up like a zeppelin.
Yes. It is the witch's life,
climbing the primordial climb,
a dream within a dream,
then sitting here
holding a basket of fire.»

The Witch's Life, de Anne Sexton



© João Versos Roldão

As bruxas na cidade estão no limiar da excentricidade. São mulheres estranhas, autoafirmadas bruxas, conscientes muitas vezes desse lugar enquanto afirmação de um papel feminista. Para as crianças, são muitas vezes personagens más de histórias boas. Vivem nos livros e nos filmes. Não existem, «de verdade», e quase já não pertencem à infância — são evitadas. A associação entre mau/desconhecido, por oposição a bom/conhecido é uma perversão que nos interessa questionar — também pelo potencial transformador na maneira como olhamos o outro. Da mesma forma, interessa-nos pensar o processo feminista da afirmação da bruxa como lugar dissociado, ou não, da nossa tradição. Por um lado, sabemos que há cadeias de transmissão de conhecimento que se quebraram, porque as noções de saúde e medicina foram transformadas, e porque a dimensão sagrada da palavra é agora tutela da imagem, quase em exclusivo. Mas, se caminharmos para as periferias da cidade, se nos distanciarmos do centro, encontrarmo-nos com as bruxas velhas, como Maria Manuela Couto Viana se encontrou. Elas pertencem ainda aos lugares. São nomeadas pela sua importância. Sabe-se até dizer o nome das pessoas que elas curaram. São figuras maternas e protetoras designadas por suas mães ou avós, reconhecidas como bruxas pelos outros que a elas recorrem para enfrentar doenças, sustos, inquietações. Maria Manuela Couto Viana, nos anos 1970, quis salvar muitas destas práticas do esquecimento. Sabia que esquecê-las ou negar a sua existência é apagar a maternidade. As bruxas são nossas mães e avós. Mantemos com elas o vínculo importante de não nos sabermos onnipotentes — porque elas determinam o invisível e o oculto, o que não podemos nem conseguimos controlar. Assim, fez uma recolha honesta e extensa que foi publicando num primeiro momento num jornal e, depois, no livro que deu o mote a este projeto: *Bruxas, Feitiços, Defuntos, Aparições...* A sua investigação parou quando começou a sentir-se bruxa, havendo quem recorresse a ela para se salvar de algum mal. Terá sido por medo?

«Um mistério profundo rodeou sempre o ato mágico – a transmutação do psiquismo numa feiticeira num invólucro animal. Metamorfoses, diabólicos bichos. O ferimento infligido. Terror do que ignora, do que vem não sabe de onde e desencadeia forças impossíveis de definir. Assim somos nós.»

Maria Manuela Couto Viana



UMCOLETIVO

UMCOLETIVO (Bruno Caracol, Cátia Terrinca, João P. Nunes, Luís Eduardo Graça, Raquel Pedro, Ricardo Boléo, Rui Salabarda e Sara Santos) é uma Associação Cultural, fundada em 2013, que desenvolve atividades no âmbito da criação artística, tendo como eixos a relação com o território de Portalegre, a exploração plástica da palavra e a convocação do público para o epicentro do objeto artístico — onde transversalmente se encontra uma ideia de reescrita, de tempo real e de voz.



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB



**FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!**

ccb.pt/newsletter

CCB**JÁ A SEGUIR
MÚSICA + ILUSTRAÇÃO****4 E 6 MAIO 2025****O SÉTIMO SOL
GRUPO ALAFIA E F. PEDRO OLIVEIRA**

O Grupo Alafia e o narrador F. Pedro Oliveira contam-nos a história d'*O Sétimo Sol*, um conto indiano com música de Vasco Negreiros e ilustrações de Beatriz Bagulho. Oriunda de Odissa, na Índia, esta lenda espelha, numa bellíssima alegoria, a nossa relação com o entorno natural, desde a total sujeição ao seu jugo, passando pelo excessivo domínio sobre a natureza, até ao encontro de um equilíbrio feliz. É um espetáculo de literatura popular, de música e de artes plásticas, bom para toda a família e para nos animar a lutar por um futuro melhor.

No âmbito deste espetáculo, realiza-se no dia 10 de maio uma oficina de ilustração para pais e filhos (maiores de 7 anos), orientada por Beatriz Bagulho.

Domingo, 16h00 (com lançamento do audiolivro)

Terça, 11h00 – Sessão escolar

Pequeno Auditório

Público alvo: A partir dos 5 anos

Classificação etária: M/6

45 min. + Conversa



Ilustração © Beatriz Bagulho

APOIO INSTITUCIONAL



**REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA

PARCEIRO INSTITUCIONAL



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025

